



Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. DA INFÂNCIA EM DESTERRO À VOLTA PELO BRASIL ..	17
João da Cruz e Sousa ▪ 17	
O Brasil aos olhos do viajante Cruz e Sousa ▪ 22	
2. UM POETA NO JORNALISMO	25
O (quase) pai de família ▪ 35	
3. O PRECURSOR DO SIMBOLISMO BRASILEIRO	41
O simbolismo no Brasil (1893-1922) ▪ 43	
A sinestesia à flor da pele, os neologismos e a aliteração ▪ 45	
4. MARCAS DE UMA OBRA COMPLETA	57
Os versos poéticos ▪ 60	
Os poemas em prosa ▪ 74	
A temática recorrente ▪ 85	

5. PANORAMA HISTÓRICO	95
O Brasil de outrora (um passado de luta pela abolição da escravatura) ▪ 96	
Marcos históricos durante a vida de Cruz e Sousa ▪ 101	
CRONOLOGIA E CARTAS	105
Vida e obra de Cruz e Sousa ▪ 105	
A biografia de Cruz e Sousa narrada em cartas ▪ 110	
BIBLIOGRAFIA	121
Obras de Cruz e Sousa ▪ 121	
Artigos de Cruz e Sousa em periódicos ▪ 121	
Referências e sugestões bibliográficas ▪ 132	
Filme ▪ 135	



Introdução

Homem livre de cor: categoria em que figura o poeta catarinense Cruz e Sousa em diversos textos e análises sobre sua vida e o legado de sua obra. No entanto, me pergunto: o que é ser visto como homem livre de cor num Brasil do século XIX? Eis que me rompe a primeira resposta: dolorido. Dor que João da Cruz e Sousa, nome de batismo do ilustre poeta simbolista, sentiu literalmente na pele e enriqueceu demasiadamente sua obra. Mesmo que tal dor não fosse compreendida por quem o lia. Afinal, os leitores de Cruz e Sousa – em sua maioria brancos de classes mais abastadas – raramente tinham a infelicidade de compartilhar o sofrimento por ele sentido cotidianamente.

Na cidade de Desterro (atual Florianópolis, em Santa Catarina), onde nasceu e passou grande parte da vida, Cruz e Sousa amargurou dificuldades para simplesmente *ser*. Dor. Ódio. Racismo. Luta. Abolição. Morte. Palavras que fizeram parte da literatura sempre poética – mesmo quando em prosa – de Cruz

e Sousa. Mas, apesar disso, também presenciamos um Cruz e Sousa mais contente com a vida que levava, principalmente quando estava apaixonado por Gavita – seu único grande amor, mãe de quatro filhos que tiveram a mesma triste sorte dos pais: a morte por tuberculose.

Quando adolescente, Cruz e Sousa já sabia o que queria: ser letrado e estar envolvido com as letras durante todo o tempo. E foi isso que perseguiu. Trabalhou como poeta e jornalista ao longo da vida. Como poeta, usou palavras difíceis, um português nobre, e nos deleitou com uma sensibilidade que pode ser sentida, ouvida, cheirada, degustada. Uma obra digna de uma grande ópera farta de coquetéis.

Se estivesse vivo hoje, Cruz e Sousa conheceria uma Florianópolis mais embranquecida, mas que, seja como for, exalta seu nome e o remete a um passado quase mítico, emaranhado nas letras de uma Literatura com letra maiúscula, como muitas vezes o poeta buscou reforçar. Sua memória, hoje, confronta o contexto social do século XIX – que infelizmente existiu.

Atualmente, mesmo com mais de 50% da população brasileira composta por negros (entre eles pretos e pardos, conforme nomenclatura do Censo 2010, organizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE), as situações de racismo continuam frequentes e ainda são poucos os negros que ocupam as carteiras das universidades e os cargos de poder. À semelhança do que enfrentou Cruz e Sousa, a quem foi negado o cargo de promotor da cidade de Laguna, ainda são enormes as batalhas daqueles que almejam o protagonismo negro.



Busto de Cruz e Sousa, localizado na Praça XV de Novembro, em Florianópolis (SC).

No entanto, há quem diga que Cruz e Sousa não tenha sofrido discriminação racial. Afinal, transitava por entre brancos e ricos mesmo sendo filho de negros que haviam sido escravizados no Brasil. Porém, é preciso reiterar o mito da democracia racial vivido em terras tropicais desde seus primórdios e presente até hoje.

Durante o final do século XIX e ao longo do século XX, a fim de que a população negra passasse a ser minoria no país, construiu-se um ideal de branqueamento da população negra brasileira, desenvolvido como projeto nacional por meio de políticas de povoamento, imigração europeia e também pelo incentivo à miscigenação. Quanto mais brancos imigrassem e quanto maior o número de nascimentos de filhos provenientes de relações inter-raciais, menos “escuro” ficaria o Brasil. Dessa maneira, a classe branca dominante continuaria majoritária e detentora de todas as vantagens socioeconômicas vigentes.

Nesse sentido, cremos que Cruz e Sousa travou, com outros personagens históricos de extrema importância de seu tempo – assim como os também negros Castro Alves, Luiz Gama e José do Patrocínio, acompanhados ou não de companheiros brancos –, uma luta que ainda não teve fim de fato. Mas que, se acreditarmos e agirmos, ainda pode nos revelar grandes conquistas.

E, assim, envoltos em jogos de palavras, sinestésias, aliterações e vocábulos dignos de um Cisne Negro – como Cruz e Sousa era conhecido –, procuraremos nesta obra reiterar a importância desse grande poeta na literatura brasileira e na denúncia da discriminação racial.



Vista do Palácio Cruz e Sousa, no centro da cidade de Florianópolis, considerado patrimônio histórico do Estado de Santa Catarina.



Memorial Cruz e Sousa, inaugurado em 6 maio de 2010, no interior do Palácio Cruz e Sousa.



1. Da infância em Desterro à volta pelo Brasil

Cruz e Sousa por si só é um símbolo, um enigma a ser decifrado. Aproximando-nos deste enigma, estaremos mais perto do poeta, de sua época, do seu espírito, dos seus temas, de sua vida e poesia, da sua dor.

Del-Pino, 1993, p. 193

JOÃO DA CRUZ E SOUSA

Nascido em 24 de novembro de 1861 na então cidade de Desterro (nome dado em homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora do Desterro) – hoje Florianópolis (SC) –, Cruz e Sousa viveu grande parte de sua vida nessa cidade.

Seu nome de batismo era João da Cruz e Sousa, também em homenagem a um santo: São João da Cruz. De família católica, foi batizado em 4 de março de 1862 na Matriz de Nossa Senhora do Desterro – pelo que se sabe, pelo padre Joaquim Gomes de Oliveira Paiva.



Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina

CERTIDÃO

Certifico e dou fé que do livro 2o (vinte) de batismos da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo de Sta. 28 e sob o nº _____ consta o seguinte:

João da Cruz - Aos quatro dias do mez de Março do anno de mil oitocentos e sessenta e cinco nesta Matriz de Nossa Senhora do Carmo baptisamos solemnemente e puz os santos oleos ao innocente João da Cruz, nascido a vinte e quatro de Novembro anno passado, filho natural de Carolina Iza da Conceição, escrava liberta, natural de Sta. Fruzina. Foram padrinhos Manuel Moreira da Silva Junior e Nossa Senhora de Deus. Or que para constar fiz este termo. O Vig. João - Jones d' Oliveira Bispo - Amargem: bis: Guilherme Souza, por subseqente matrimonio.

Nada mais consta o dito arrolamento e cujo original se reporta e
verdade e refôrço, se fôr necessário.

Paróquia de Sta. 4 de Agosto de 1862.

Manuel Moreira da Silva Junior

Filho de Guilherme (a quem os amigos de Cruz e Sousa chamavam de “o homem de Darwin”) e Carolina Eva da Conceição, que foram escravizados, era negro retinto. Ainda cativo, Guilherme trabalhava na casa de seu senhor, o coronel Guilherme Xavier de Sousa. Foi libertado em 1865, quando o pequeno João tinha 4 anos, e passou a trabalhar como pedreiro. Já Carolina havia sido libertada antes mesmo da aprovação da Lei do Ventre Livre (outorgada em 1871). Desde então, trabalhava como doméstica e lavadeira na casa do Coronel Guilherme, posteriormente conhecido como marechal de campo.

A família morava no porão alto e amplo da casa senhorial do coronel, e foi lá que nasceram os filhos João da Cruz e Norberto, o caçula. Essa casa ficava onde se encontra o atual Colégio Lauro Müller, no centro de Florianópolis.

Era habitada pelo coronel Guilherme de Sousa e por sua esposa, Clarinda Fagundes de Sousa. O próprio sobrenome do futuro poeta catarinense foi dado em homenagem à família Sousa, tamanho o vínculo entre o casal e os pais de João da Cruz e Norberto. Os irmãos, por sua vez, tinham acesso a toda a casa, já que os proprietários os consideravam filhos de criação.

Foi Dona Clarinda quem ensinou ao menino João da Cruz as primeiras letras do alfabeto. E, aos 8 anos, o futuro poeta já declamava seus primeiros versos ao coronel Guilherme. Nessa época, Cruz e Sousa estava matriculado em uma escola pública conhecida como “Escola do Velho Fagundes”. Já em 1874, quando foi inaugurado o chamado Ateneu Provincial, os irmãos passaram a estudar na então escola privada. Isso só foi permitido porque, conforme documento que consta no Arquivo Público do estado de Santa Catarina, o presidente da província